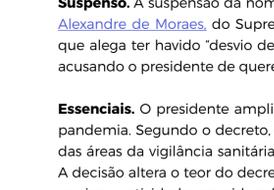


O presidente Jair Bolsonaro voltou às manchetes nesta quarta-feira. A repercussão do "E daí?" ganhou destaque na imprensa e nas redes sociais. Após a decisão do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), de anular a nomeação de Alexandre Ramagem para o comando da Polícia Federal, a Presidência da República tornou sem efeito a medida. Nos estados, autoridades começam a externar preocupação e fazer alertas à população. Na cidade de São Paulo, a ocupação de leitos de UTI alcançou 85%. No Rio de Janeiro, na manhã de hoje, só havia 9 vagas de UTI e o isolamento social foi prorrogado por todo o mês de maio na capital. O secretário estadual de Saúde, Edmar Santos, afirmou que o estado está em uma "curva descontrolada" de casos da COVID-19. O Highlights de hoje traz ainda um apanhado com as opiniões de especialistas sobre a flexibilização e um especial sobre EAD, o novo mindset de aprendizagem.

Política



Sem efeito. O presidente Jair Bolsonaro tornou "**sem efeito**" a nomeação de Alexandre Ramagem para o comando da Polícia Federal (PF). O ato, publicado hoje em edição extra do Diário Oficial da União também revogou a exoneração de Ramagem como diretor-geral da Agência Brasileira de Inteligência (Abin), cargo que ocupava antes de ser indicado ao novo posto.

Foto: Presidente Jair Bolsonaro e Alexandre Ramagem. Crédito: Carolina Antunes/PR

Suspenso. A suspensão da nomeação de Ramagem para a PF ocorreu por **determinação do ministro Alexandre de Moraes**, do Supremo Tribunal Federal (STF). O ministro atendeu a um pedido do PDT, que alega ter havido "desvio de finalidade" na indicação, uma vez que Sergio Moro deixou o governo acusando o presidente de querer trocar o comando da PF para poder interferir em investigações.

Essenciais. O presidente ampliou a lista de **serviços e atividades considerados essenciais** em meio à pandemia. Segundo o decreto, o rol de atividades ascendido passou pela avaliação de representantes das áreas da vigilância sanitária, da saúde, do abastecimento de produtos alimentícios e de logística. A decisão altera o teor do decreto inicial, datado de 20 de março, que trouxe a primeira definição dos serviços e atividades considerados essenciais. Segundo reportagem do G1, "essa lista vem aumentando e, pela norma em vigor, já conta com mais de 50 itens".

Sem condição. A taxa de isolamento registrada no Estado de São Paulo foi de 48% na última terça-feira, 28, índice considerado baixo para flexibilizar a quarentena a partir do dia 11 de maio, segundo o governador João Doria. Com esse índice, ele afirmou em coletiva com a imprensa, "não há a menor condição de **flexibilização** de isolamento". O governo paulista determinou a obrigação de uso de **máscaras** no transporte público a partir da próxima segunda-feira, 4.

Ocupação em São Paulo. O Secretário de Saúde do governo paulista, José Henrique Germann, revelou que o **índice de ocupação dos leitos** de UTI na Grande São Paulo alcançou 85%. No Estado, o percentual é de 68%.

Inquérito. O Valor Econômico traz hoje reportagem que repercute a determinação do ministro Celso de Melo, do Supremo Tribunal Federal (STF), para abertura de **inquérito** para investigar o ministro da Educação, Abraham Weintraub, por crime de racismo após postagem nas redes sociais em que teria ofendido a China.

O alto custo do "E daí?"



A resposta "E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?", dada pelo presidente Jair Bolsonaro aos repórteres, quando questionado sobre a quantidade de mortes em decorrência da COVID-19 no Brasil, tornou-se uma avalanche nas redes sociais.

Do total de 701 mil postagens e comentários coletados, 46% estão ligados ao episódio – ou seja, quase metade de tudo que se falou de COVID-19 até as 14h de hoje. Nesse universo, 72% são críticas ao posicionamento de Bolsonaro. Os 28% que apoiam o presidente, em geral, baseiam-se na tese de que a imprensa teria deturpado a fala do presidente.

De quem é a culpa? No mapeamento de redes sociais realizado hoje teve destaque também a tese de Bolsonaro de que o aumento do número de casos seria por responsabilidade dos governadores e das medidas por eles adotadas nos estados, com 19% das menções.

Preocupação. Há ainda, no total monitorado, 22% de conteúdos manifestando preocupação com o aumento de casos no Brasil e a dúvida sobre quando e em qual volume se daria o pico da doença no País.

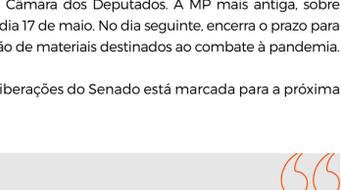


Senado faz esforço para otimizar a pauta

Por In Press Oficial



Diante das mais de 200 proposições apresentadas pelos senadores, o presidente Davi Alcolumbre (DEM/AP) propôs que as matérias sejam categorizadas e organizadas por temas, como forma de acelerar o combate ao coronavírus e de atender às demandas dos parlamentares.

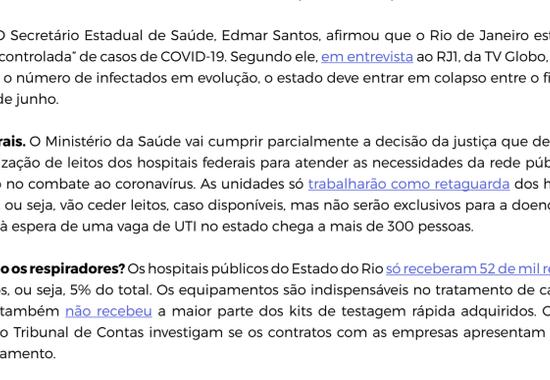


Segundo levantamento da consultoria jurídica do Senado, pelo menos 90 projetos são de caráter econômico. Outras 87 proposições abordam temas sociais e 43 jurídicos.

Alcolumbre defende que sejam priorizados os projetos correlacionados às medidas provisórias em vigor. No entanto, a maioria ainda aguarda deliberação na Câmara dos Deputados. A MP mais antiga, sobre medidas emergenciais para aviação, perderá prazo no dia 17 de maio. No dia seguinte, encerra o prazo para deliberação da MP que dispensa licitação para aquisição de materiais destinados ao combate à pandemia.

A reunião de líderes para definição da agenda de deliberações do Senado está marcada para a próxima segunda-feira, 4 de maio. Foto: Agência Senado

Especial Rio



Crédito: Governo do Estado do Rio de Janeiro

O cenário do avanço da COVID-19 no estado do Rio de Janeiro é crítico. Na capital, restavam apenas 9 vagas de UTI na manhã desta quarta. Os dados são da Secretaria Estadual de Saúde. O governo aponta que sistema deve entrar em choque em breve, mesmo com a abertura de 3,4 mil novos leitos nos hospitais de campanha.

Colapso. O Secretário Estadual de Saúde, Edmar Santos, afirmou que o Rio de Janeiro está em uma "curva descontrolada" de casos de COVID-19. Segundo ele, **em entrevista** ao RJ1, da TV Globo, com a falta de leitos e o número de infectados em evolução, o estado deve entrar em colapso entre o fim de maio e o início de junho.

Sem federais. O Ministério da Saúde vai cumprir parcialmente a decisão da justiça que determinou a disponibilização de leitos dos hospitais federais para atender as necessidades da rede pública do Rio de Janeiro no combate ao coronavírus. As unidades só **trabalharão como retaguarda** dos hospitais de referência, ou seja, vão ceder leitos, caso disponíveis, mas não serão exclusivos para a doença. A fila de pacientes à espera de uma vaga de UTI no estado chega a mais de 300 pessoas.

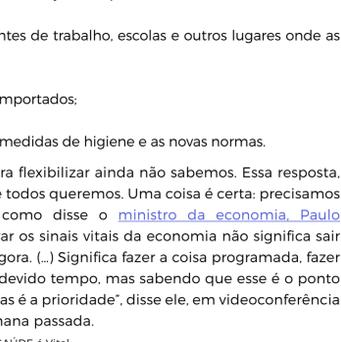
Onde estão os respiradores? Os hospitais públicos do Estado do Rio **só receberam 52 de mil respiradores** comprados, ou seja, 5% do total. Os equipamentos são indispensáveis no tratamento de casos graves. O Estado e Tribunal **não recebeu** a maior parte dos kits de testes com rapidez adquiridos. O Ministério Público e o Tribunal de Contas investigam se os contratos com as empresas apresentaram indícios de superfaturamento.

Quarentena ampliada. As medidas de isolamento social na cidade do Rio serão **estendidas** para o mês de maio. Em vigor desde o dia 24 de março, o decreto municipal restringe o funcionamento de escolas e parte do comércio venceria nesta quinta-feira, 30. Segundo o prefeito Marcelo Crivella, o isolamento só começará a ser relaxado quando a incidência de casos de COVID-19 começar a cair.

É o momento certo?



Após quase dois meses de quarentena, ao menos nove estados e o Distrito Federal já tomaram medidas para aliviar o distanciamento social. **Estudos internacionais** mostram que que o período de quarentena e a adoção de medidas de isolamento social são capazes de reduzir em até 63% o número de mortes por coronavírus. Se a eficácia dessas estratégias parece inegável, ficam, então, dúvidas sobre qual seria o momento ideal de flexibilizá-las.



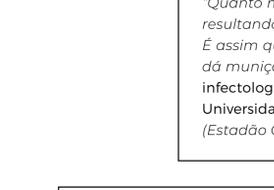
Universidade de Singapura apresenta previsão para o término da pandemia no Brasil. Crédito: Singapore University

Cerca de 40 dias atrás da Europa na questão da disseminação do coronavírus, o Brasil vê o número de novos casos em ascensão. Os hospitais públicos dos grandes centros estão lotados e o número de testes e diagnósticos ainda muito aquém do ideal.

Um **estudo da Singapore University of Technology and Design**, atualizado diariamente com os dados de cada país, mostra que a curva de casos no Brasil ainda está crescendo. E mais: os dados oficiais mostram-se piores do que as projeções inicialmente, como indica o gráfico acima.

Na última semana a Organização Mundial da Saúde (OMS) listou seis critérios que devem ser preenchidos pelos países antes de começarem a afrouxar paulatinamente a movimentação da população, algo que o Brasil ainda não consegue cumprir em sua totalidade. São eles:

- 1 Transmissão do vírus controlada;
- 2 Sistemas de saúde com capacidade de detectar, testar, isolar e tratar todas as pessoas com coronavírus e os seus contatos mais próximos;
- 3 Controle de surtos em locais especiais, como instalações hospitalares;
- 4 Medidas preventivas de controle em ambientes de trabalho, escolas e outros lugares onde as pessoas precisam ir;
- 5 Manejo adequado de possíveis novos casos importados;
- 6 Comunidade informada e engajada com as medidas de higiene e as novas normas.



Quando dará para flexibilizar ainda não sabemos. Essa resposta, talvez, seja a que todos queremos. Uma coisa é certa: precisamos priorizar vidas, como disse o **ministro da economia, Paulo Guedes**: "Preservar os sinais vitais da economia não significa sair do isolamento agora. (...) Significa fazer a coisa programada, fazer direito, fazer no tempo certo, mas sabendo que esse é o ponto futuro. Salvar vidas é a prioridade", disse ele, em videoconferência realizada na semana passada.

Ilustração: NIK Neves/SAÚDE & Vital

O Highlights COVID-19 reuniu também a opinião de diversos especialistas em saúde sobre a questão da flexibilização da quarentena. Confira:

"Neste momento nos parece muito temeroso avançar para uma flexibilização. Provavelmente vamos acabar levando a uma sobrecarga do sistema de saúde em dez ou 14 dias e até mesmo a um lockdown". - **Cristina Barros**, especialista em gestão de saúde e integrante do grupo técnico de enfrentamento à COVID-19 da UFRJ. (Estadão Conteúdo, 24 de abril)

"Quanto mais a gente conseguir afastar as pessoas, menos casos vão ter, reduzindo, consequentemente, em menos interações e menos óbitos. É assim que funciona. A questão é que, quanto mais você controla, mais dá munição a quem insiste em falar que não é grave". - **Evaldo Stanislaw**, infectologista do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, que chegou a contrair o vírus no início do mês. (Estadão Conteúdo, 24 de abril)

"O afrouxamento das medidas de contenção do vírus, caso ocorra, deve ser feito com muita responsabilidade, especialmente em cidades menores, para que não haja um colapso do sistema de saúde. Acabar com o distanciamento físico neste momento é impossível". - **Leonardo Weissmann**, médico consultor da SBI (Sociedade Brasileira de Infectologia). (UOL, 27 de abril)

"O distanciamento social ainda é vital para ganharmos tempo, até que melhores ensaios clínicos terapêuticos e estruturas de retaguarda para pacientes graves sejam garantidos, o que não parece ser o ponto em que chegamos ainda". - **Natanael Adwardana**, médico infectologista de São Paulo. (UOL, 27 de abril)

"A gente não pode errar nesse processo, porque erros vão custar vidas. Não podemos ficar reféns do medo o tempo inteiro. Uma reentrada precisa ser organizada, coordenada e feita com base em conhecimento. É possível ter uma situação em que não vamos errar em nada? Não. Mas o que a gente pode ser é conservador e trabalhar com conhecimento". - **Carlos Marinelli**, presidente do Fleury. (Estadão Conteúdo, 29 de abril)

Novo mindset de aprendizagem



De fato, a crise do coronavírus oferece uma chance de experimentar novas maneiras de fazer as coisas e também de questionar velhos hábitos. Será que a distância impede as relações? Será que prejudica o engajamento e a dinâmica de aquisição de conhecimento?

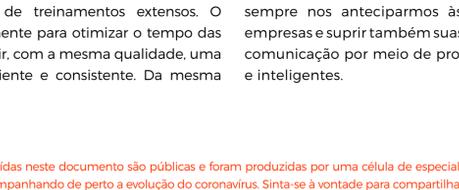
A pandemia pegou o setor da educação de surpresa e as instituições de ensino ficaram desorientadas diante da crise, segundo análise do **UOL**. Escolas tiveram que implementar às pressas aulas online e empresas ficaram sem saber o que fazer para dar continuidade aos programas de capacitação e desenvolvimento.

Há discussões, **prós e contras**, quanto à aderência e efetividade do ensino à distância, já que a modalidade exige mais autonomia, disciplina e alta dose de dedicação. De qualquer forma, recentemente o período de isolamento das buscas por EAD aumentaram em cerca de 70%, segundo levantamento realizado pela **Catho Educação**. Administração, Gestão de RH, Biomedicina, Ciências Contábeis e Logística estão entre os cursos mais procurados.

Na Fundação Getúlio Vargas (FGV), as formações online gratuitas tiveram alta de 400% na adesão, em comparação aos meses de janeiro e fevereiro. **A demanda incentivou** a estruturação de novos cursos pela instituição.

Gustavo Hoffmann, diretor do Grupo A (mantenedora do portal Desafios da Educação) e fellow da Universidade Harvard, afirma que a experiência com EAD pode ser determinante para o sucesso da estratégia online das empresas diante do avanço do coronavírus. **"A adversidade pode gerar uma oportunidade**. E um das lições que o novo coronavírus deixa, portanto, é a de que as instituições precisam superar a morosidade, a tradição e o medo para trás, e fazer, finalmente, um movimento forte e rápido de adoção de tecnologias de treinamento e educação".

Para debater o assunto, o Highlights de hoje traz entrevista exclusiva com Mônica Anjos, diretora de Treinamentos da InPress Porter Novelli, que está lançando agora em maio sua primeira plataforma EAD.



1. O EAD ganhou força e chega agora também às escolas e às empresas. Como essa modalidade de ensino ajuda no dia a dia das modalidades?

Um treinamento bem feito, de qualidade e com foco nas necessidades das pessoas e das empresas capacita profissionais de quaisquer áreas, inclusive porta-vozes e multiplicadores de mensagens. O formato não-presencial é elaborado com muita tecnologia e ferramentas que mantêm o participante engajado do começo ao fim. Além de material transmídia, que contempla conceitos e dicas e estudos de caso, o EAD pode contar com recursos extras, como a gamificação, para testar conhecimentos adquiridos.

2. Até pouco tempo, o EAD sofria um certo 'preconceito', inclusive no meio acadêmico. Esse cenário mudou?

Tenho certeza que já está mudando muito. Não vamos mais tratar as questões do dia a dia da mesma forma. Os profissionais que precisam ser treinados nas várias ferramentas de comunicação, como é o nosso caso, têm cada vez menos tempo para participar de treinamentos extensos. O EAD vem justamente para otimizar o tempo das pessoas e garantir, com a mesma qualidade, uma capacitação eficiente e consistente. Da mesma

forma, novos formatos se juntarão ao EAD, como o semipresencial. O executivo conhece os conceitos, sapes e dicas por meio virtual e a parte prática é feita face a face, garantindo uma experiência única.

3. Porque a InPress resolveu investir neste formato e como vai funcionar?

A InPress está sempre atenta às novidades do mercado e com o EAD não foi diferente. Este era um sonho antigo e, com o advento do distanciamento social, ele virou realidade. Pelo que sabemos, somos a primeira agência de RP a fazer um treinamento para porta-vozes – o famoso media training – totalmente à distância. O nosso objetivo com este primeiro programa é continuar ajudando nossos clientes e o mercado a se comunicarem de forma eficiente – mesmo durante o distanciamento social. O primeiro curso abrange temas essenciais para um bom comunicador: Comunicação eficiente, reputação e credibilidade, públicos de influência, dicas e oficinas. A estratégia por trás disso? Queremos sempre nos anteciparmos às demandas das empresas e suprir também suas necessidades de comunicação por meio de produtos inovadores e inteligentes.

As informações incluídas neste documento são públicas e foram produzidas por uma célula de especialistas da InPress Porter Novelli que vem acompanhando de perto a evolução do coronavírus. Sinta-se à vontade para compartilhar em suas redes!

Nossa agência pode auxiliar na preparação de estratégias que melhor se adequem ao seu negócio. Conte com a gente e, qualquer dúvida, escreva para atendimento.saude@inpresspn.com.br.